

A esperança como terceira margem do rio...

Duas palavras resumem e traduzem os sentimentos do tempo presente: **crise** e **incerteza**. Uma série de crises estão interconectadas, agravando a pista de solução:

- uma crise política que vira a mesa da democracia, reinventa formas de autoritarismo e polariza cidadãos no mundo inteiro;
- uma guerra mundial que não foi decretada, mas acontece em fragmentos com países em conflitos, multiplicação de casos de violência com requinte de crueldade, além de formas aleatórias de homicídios;
- e uma crise cultural bastante paradoxal: vivemos uma revolução com as possibilidades infinitas de comunicação e, ao mesmo tempo, experimentamos uma incapacidade humana de entendimento, superficialidade nas relações e falta de credibilidade...

Uma crise, portanto, generalizada que suscita todo tipo de incertezas: afinal, até que ponto as decisões do passado histórico não fracassaram e questionam o progresso prometido? No presente, estamos mergulhados na incerteza, inclusive sem compreender bem o que está mesmo acontecendo; e, sobre o futuro, nossa incerteza parece ainda maior... Aliás, haverá futuro para nosso planeta e para a humanidade?

Precisamente neste tempo sombrio de crises patentes e incertezas evidentes, *ousamos celebrar este momento importante na vida de vocês e de nossa universidade* como uma **nova aposta**. Não se trata, no entanto, de uma festa

alienada da realidade, mas de uma **ousadia de apostar no improvável**.

Porque, provavelmente, a crise vai continuar e as incertezas fazem parte de nosso cotidiano... Mas, desde o início desta celebração – o momento ecumênico de oração, cada palavra, cada gesto e cada música escolhida – tudo converge para descrever a nossa grande aposta, a saber: entre as crises e as incertezas, ousamos apostar na **esperança**.

A Esperança que propomos, porém, não é uma fuga da realidade, porque assumimos a sua crueza de forma crítica e não estamos pregando dogmatismos nem certezas futuras. Esperança que não é também uma projeção de nossas expectativas nos outros, ou na política, na economia, na cultura e nem mesmo nas religiões, inclusive porque tudo está mergulhado na crise e banhado de incertezas e precisa buscar novas formas...

Enfim, postulamos a esperança como atitude ou, como diz o poeta pernambucano, Daniel Lima: “esperança não é esperar, mas caminhar...” E, segundo o filósofo e psicanalista Zeferino Rocha, professor da Unicap de saudosa memória, a virtude cristã da esperança está na essência do ser humano. Assim, em um artigo profundo, ele faz uma recepção da esperança pela psicanálise, passando pela filosofia.

Importa, portanto, dizer, que não estou fazendo um “sermão de padre” sobre a esperança, mas propondo um “**caminho**” como atitude de vida para atravessar as crises – ou “administrar sonhos” como bem escolheu uma das turmas deste ano – uma atitude diante da vida que não deixe as incertezas

fragmentar os nossos valores humanos e enfartar os nossos princípios e sentimentos mais elementares.

Certamente eu poderia buscar o fundamento dessa esperança na Bíblia ou na imensa literatura sobre o assunto, na teologia e na poesia. Mas escolhi um caminho mais curto. Um caso real e concreto. Um exemplo para cada um de nós.

Ednailton Félix era um menino de família humilde, que vinha de San Martin, Zona Oeste do Recife, para estudar na Rua do Príncipe, bairro da Boa Vista. Foi assim da 5ª série ao 3º ano do Ensino Médio no Liceu Nóbrega. Quando ele passou no vestibular foi só atravessar a mesma rua para mais cinco anos de estudos no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco. A excelente nota que tirou no Enem fez Ed ganhar uma bolsa de 100% do Prouni. O amor pela Arquitetura começou quando ele observava o avô, que era pedreiro, trabalhar como mestre de obra. Desde criança, ele tinha o sonho de estudar na França. Ed começou a estudar francês aos 14 anos no centro público de línguas do Colégio Estadual Luiz Delgado, no Recife. Para se dedicar ainda mais à língua, ele trancou o curso na Católica para concorrer a uma vaga na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Lyon.

Ed enfrentou uma dura concorrência com estudantes de vários países. Eram poucas vagas para estrangeiros. O menino, que a esta altura havia se mudado para o bairro de Maranguape II, em Paulista, passou. Mas as condições financeiras da família não eram suficientes para ele concretizar o sonho

conquistado. Foi um período crítico, de depressão, de revolta, de vontade de desistir. Mas a paciência superou a frustração, a determinação venceu a revolta. Ed continuou estudando francês e fez uma outra seleção, agora na Escola de Arquitetura e Paisagismo da Universidade de Lille, Norte da França. Ed foi aprovado e as condições oferecidas pela bolsa da instituição francesa possibilitaram ao jovem sonhador embarcar para a França. Há\ exatamente um ano, Ed concluiu o máster em Arquitetura, tornando-se o primeiro brasileiro a obter este diploma da instituição francesa. A proeza habilita Ed a atuar como arquiteto em toda a Europa. Diante de sua trajetória de sacrifício e dedicação a mensagem que ele passa para as pessoas que ainda estão no meio do caminho é a seguinte. Paciência. O segredo é ter paciência e não desistir nunca. Ser persistente.

São histórias assim que iluminam as nossas vidas, inspiram os poetas e despertam a nossa esperança cansada, gasta ou atingida... Gonzaguinha, na música “vamos à luta”, fala de “fé na vida, fé no homem, fé no que virá...” E completa: “nós podemos mais... vamos lá fazer o que será... ponho fé em quem não corre da raia e constrói a manhã desejada”. Essas imagens poéticas traduzem a aposta que fizemos: de uma parte, os pais, familiares e amigos investiram e apoiaram vocês; de outra parte, professores, funcionários e administrativos da Unicap acompanharam, exigiram e apostaram na capacidade de cada um que chegou à universidade e hoje é concluinte. Apostamos que vocês podiam (e podem!) muito mais! Cada pessoa que está aqui acredita que este país será bem melhor se vocês assumirem o lugar que lhes cabe na sociedade, a partir da competência profissional adquirida, dos

valores familiares ressignificados, da experiência vivida... Importa, porém, resgatar a capacidade de sonhar, com os pés no chão e um olhar enxerga a terceira margem do rio...

Ou, como diz Chico Buarque “sonhar um sonho impossível...” Isto é ousar fazer do sonho impossível “minha lei e minha questão”... Há, no entanto, um pensamento de Cervantes, retomado e cantado por John Lennon e Raul Seixas, que Dom Helder gostava de traduzir mais ou menos assim: “sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão... sonho que se sonha juntos é realidade... vamos sonhar em mutirão”. Mais que nunca, diante da complexidade da realidade, da gravidade da crise e do grau de incertezas, sonhar sozinho é loucura, mas sonhar juntos, reunindo nossos saberes, é uma bela proposta de mutirão...

E, parafraseando o grande Petrócio Amorim, poderíamos dizer: “não sou dono do mundo, mas tenho responsabilidade porque sou filho do dono...”

Enfim, a esperança é fé na vida e aposta na humanidade, com base na experiência exitosa que vocês concluem hoje e na perspectiva de um aprendizado que continua... “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...” Sabemos todos que a vida poderia ser bem melhor, o mundo bem mais justo, a humanidade bem mais solidária... Mas, isso não impede de apostar que ainda poderá ser assim ou, na linha de uma esperança que é caminho, cabe a cada um dar alguns passos, a outros entrar no compasso... Dizer que a vida é

bonita não é apenas uma constatação lógica, é uma **aposta** no dom da existência, uma **reinterpretação** dos momentos difíceis como aprendizado, um caminho que nos conduz mais longe...

Agradeço aos meus colegas de trabalho, professores e funcionários que fazem da Unicap uma missão de vida; agradeço aos pais e familiares que investiram em vocês e confiaram esse bem inalienável da educação à Católica, uma tradição que se renova; agradeço, em nome de nossa comunidade universitária, a vocês concluintes, razão de nossa vocação e missão. Obrigado pela gentileza de reconhecer o que é bom e a crítica de reclamar do que pode melhorar. Vocês não são os mesmos desde o primeiro dia de aula, assim como nós e a nossa universidade mudamos com a passagem de vocês em nossas vidas.

Claro que vocês deixarão saudades: não levem apenas as lembranças para longe, voltem para visitar a sua universidade... Vocês têm, porém, uma desculpa a menos para voltar à universidade: vocês não vão tirar a fotografia com um canudo vazio; graças a um mutirão de trabalho, vocês receberão hoje, aqui e agora, o diploma definitivo, devidamente assinado.

Existem, porém, outros motivos mais importantes para retornar à Unicap: **alguns egressos** retornam para fazer novos cursos (especializações, mestrados, doutorados); **outros** regressam para propor parcerias a partir de lugares ou funções que ocupam; **muitos**, inclusive, voltam para trabalhar,

continuando essa história da qual vocês já fazem parte. Tradição em qualidade acadêmica e excelência, a Católica de PE, em 2018, celebra 75 anos, não sem ter atravessado crises e incertezas...

Finalmente, se vocês não tiverem saudades de nós, nem quiserem voltar à Unicap por alguns dos motivos acima, por favor, passem pelo menos uma vez ou outra para visitar os patos e o pavão porque, certamente, eles sentirão a falta de vocês...

Obrigado e até breve!

Pedro Rubens

Reitor

Unicap, 23 de janeiro de 2017.